

# APRESENTAÇÃO

Este número da *Revista USP* apresenta um interesse especial para a reflexão sobre a preservação de nosso patrimônio cultural. Seu núcleo temático está centrado nas ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos, marco relevante para a história do Brasil por ser, muito provavelmente, o primeiro engenho de cana-de-açúcar construído na América do Sul e centro de difusão dessa planta, que, posteriormente, foi introduzida, com grande sucesso, nas regiões planálticas.

A revelação da existência dessas ruínas e o início da luta por sua preservação ligam-se a dois nomes de mais alta relevância para a memória da FFCL e da USP: a prof<sup>a</sup> Maria Regina da Cunha Rodrigues e o prof. Eurípedes Simões de Paula. A transcrição do texto do ofício, já parcialmente destruído pelo tempo e pelo manuseio, que abre o processo 55.1.3591.1.4 que cuida da transferência para a Universidade deste patrimônio cultural é oportuna:

ADILSON AVANSI DE ABREU

# Engenho dos Ramos

‘São Paulo (Brasil), 9 de fevereiro de 1955.

Magnífico Reitor

Tendo uma pesquisa realizada pela Sra. Maria Regina da Cunha Rodrigues, publicada no ‘Estado de São Paulo’, revelado a existência entre Santos e São Vicente de ruínas de histórico engenho de açúcar, ruínas que foram autenticadas pelo Dr. Luis Saia, diretor do serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e despertado a atenção da Associação dos Usineiros de São Paulo, o proprietário das terras em que se localizam os referidos engenhos, Sr. Otávio Ribeiro de Araújo, se prontificou a fazer a doação dos terrenos em causa à Universidade de São Paulo, desde que sejam feitas as restaurações necessárias.

A Associação dos Usineiros de São Paulo já se prontificou em realizar as restaurações que se fizerem necessárias, desde que seja apresentado um exame das ruínas e um relatô-

**ADILSON AVANSI DE ABREU** é pró-reitor de Cultura e Extensão Universitária da USP.

rio orçamentário.

Nessas condições, uma vez que tal realização não acarreta ônus para a Universidade de São Paulo, venho solicitar de Vossa Magnificência se digne pedir ao Dr. Luis Saia, acima citado, providências no sentido de determinar um perito para exame das ruínas mencionadas e para elaboração, se convier, do orçamento para a restauração.

Agradecendo a atenção que Vossa Magnificência dispensar, valho-me do ensejo para renovar-lhe protestos de alta estima e elevada consideração.

E. Simões de Paula  
Diretor

Ao Exmo. Sr. Prof. Dr. José de Mello  
Morais  
Magnífico Reitor da Universidade de  
São Paulo”.

No canto superior do referido ofício está manuscrito despacho reitoral, datado do dia seguinte: “Oficie-se ao Dr. Luis Saia nos termos aqui abordados. Junte-se a cópia deste ofício”. A providência foi tomada no mesmo dia (10/2/55).

Essa iniciativa no contexto da Universidade foi o resultado, portanto, dos esforços de pesquisa desenvolvidos por d. Maria Regina e que ocuparam grande espaço na imprensa paulista nos anos 50 a partir do artigo intitulado “A Restauração do Primeiro Engenho Brasileiro” publicado nos dias 29/8/52 (1ª parte) e 10/9/52 (2ª parte) no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Com frequência, em meados daquela década, ocuparam-se os meios de comunicação com reportagens, relatos e notícias históricas interessando ao Engenho São Jorge dos Erasmos, nas quais muitas vezes se percebe uma discordância relativa ao fato do engenho ser ou não o primeiro de seu gênero construído no Brasil. Exemplo dessas discussões, nas quais, todavia, se reconhece sempre a relevância do engenho na empreitada colonial portuguesa no Brasil, é a notícia publicada na coluna “Efemérides” do jornal *O Estado de S. Paulo*, destacada em negrito na composição original

e que se encontra apenas à folha 19 do mesmo processo, datada no verso da página como sendo de 13 de julho de 1955:

#### “EFEMERIDES

No Engenho São Jorge dos Erasmos Em 10 de junho de 1585, reuniram-se em Santos, no ‘engenho nomeado sam jorge dos esquetes’ o capitão Jerônimo Leitão, o vigário Sebastião de Paiva, residentes na vila de São Vicente e ‘os oficiais das camaras da dita vila e da vila de Santos’. Esse Engenho foi também conhecido por do Senhor Governador ou do Trato. Fundaram-no, em 1534, João Veniste e outros, de sociedade com Martim Afonso. Depois venderam-no aos irmãos Erasmo Scheter. Daí aquele ‘esquetes’ da vereança de 1585. Reconstruído algumas vezes, foi definitivamente abandonado no século XIX, quando imigrou do litoral para o planalto a industria açucareira. Dele ainda existem ruínas. Informa-nos Martins dos Santos ter sido o terceiro da Capitania e não o primeiro como querem alguns historiadores. O primeiro chama-se ‘Madre de Deus’ e pertenceu a Pero Goes e o segundo, o de ‘São João’, aos irmãos Adorno. Voltando aos dos ‘esquetes’, diga-se que aquela memorável reunião, nele realizada, teve por fim tratar de assuntos relativos á ‘guerra do gentio carijó e do outro gentio tupiãõ’. E ficou combinada a peleja ‘cã declaração que eles ditos moradores são contentes e estão prestes e parelhados aqueles que forem necessarios cõ suas pesoa e armas e mantimentos e escravos’, para essa entrada. Os indios capturados deviam depois ser repartidos equitativamente pelas vilas da capitania, para serem doutrinados e bem tratados, como a gentio forno”.

A doação do engenho à Universidade se concretizou em solenidade realizada no dia 31 de janeiro de 1958, no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Santos. Integraram a mesa dos trabalhos daquela cerimônia os professores doutores Gabriel Teixeira de Carvalho, reitor da USP, e Luis Antonio Gama e Silva, catedrático da Fa-

culdade de Direito e consultor jurídico da Associação dos Usineiros de São Paulo, o dr. Francisco Malta Cardoso, da referida associação, e o sr. Otávio Ribeiro de Araújo, um dos doadores do terreno, com área de 4.000 m<sup>2</sup> e avaliado, na época, em um milhão de cruzeiros. Após as manifestações dos integrantes da mesa e a assinatura da escritura usaram da palavra, entre outros presentes, os professores doutores José Ribeiro de Araújo Filho, Eurípedes Simões de Paula e Aroldo de Azevedo.

O Engenho São Jorge dos Erasmos, portanto, está sob o controle da Universidade há mais de 40 anos. Nesse espaço de tempo muitas ações foram empreendidas objetivando sua preservação e seu uso como elemento de ensino e pesquisa. Muitos professores e pesquisadores se envolveram com a questão no âmbito da antiga FFCL e na atual FFLCH. Nos últimos anos as questões relativas ao engenho têm tido o apoio direto da Comissão de Patrimônio Cultural da Universidade de São Paulo e da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária.

Em 1998 foi criada no âmbito da CPC, após ter-se ouvido a FFLCH, comissão especial, integrada pelos professores doutores José Sebastião Witter, José Bueno Conti e Júlio Katinsky, encarregada de definir dire-

trizes para a utilização acadêmica e abertura à população deste patrimônio cultural, tendo em vista a proximidade da efeméride dos 500 anos de história do Brasil. Por sugestão da comissão foi designado gestor dessas ações o prof. Júlio Katinsky, que desde então está empenhado em dar solução às questões materiais, ligadas à preservação das ruínas do engenho, e às questões acadêmicas referentes ao seu uso qualificado pela Universidade e pela comunidade, particularmente da Baixada Santista.

É nesse contexto que vem a público este número da *Revista USP*, como produto do trabalho coordenado pelo prof. Júlio Katinsky, que motivou os autores a colaborar nesta empreitada.

Este número da *Revista USP* vem a se constituir, portanto, em mais uma obra coletiva, produzida pela Universidade de São Paulo, que se debruça sobre a Baixada Santista para analisar questões relevantes de sua realidade, articulando-as com os processos históricos, econômicos, sociais e culturais que moldaram a face do estado de São Paulo e do Brasil. Tomara seja o início de uma ação cultural relevante e efetiva que permita valorizar, em um contexto mais amplo, o uso qualificado deste remanescente quinhentista de nossa história.